

O SILÊNCIO DOS SÍMBOLOS: UMA REFLEXÃO SOBRE A CRISE LITÚRGICO-SIMBÓLICA CONTEMPORÂNEA

Rafael Vieira da Silva do Rosário¹

Alexandre José Silva Cabral²

Resumo

O símbolo está na base da comunicação verbal e não verbal da humanidade. Na liturgia cristã, o símbolo desempenha um papel fundamental na estrutura litúrgico-ritual, dada a sua capacidade de manifestar algo para além de si mesmo. Na contemporaneidade, observa-se uma perda na força simbólica da liturgia, tanto por parte daqueles que a celebram quanto pelo fato de o homem contemporâneo ter se tornado cada vez mais incapaz de lidar com a linguagem simbólica, uma vez que estamos na era da comunicação imediata. Esta reflexão busca expor a crise simbólico-litúrgica enfrentada na contemporaneidade, bem como pensar possíveis saídas para tal.

Palavras-chave: Liturgia. Símbolo. Contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

Os símbolos fazem parte do ser humano, são uma realidade universal (Buyst, 2001, p.19). A linguagem simbólica está na base da comunicação, isso se observa em todas as culturas cada qual com seus códigos, configurações e significações. Eles estão presentes no nosso dia a dia como gestos, sinais, cores, figuras etc. Concentrando a capacidade de falar de algo para além dele mesmo o símbolo oferece um poderoso instrumento para as expressões de fé dada a sua capacidade de transcender a si mesmo para falar de algo para além do racional, que escapa as palavras.

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (2020). Graduando do 8º período de Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. Contato: rafael.rosarium@gmail.com.

² Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (2020). Graduando do 8º período de Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. Contato: alexandrecabral54@gmail.com.

Na liturgia cristã não é diferente, desde seus primórdios até os dias atuais os símbolos permeiam cada rito e cada sacramento, através de elementos, sons, gestos, e da própria arte. Tudo isso para comunicar a graça de Deus de modo sensível e compreensível aos que dela tomam parte.

Com a contemporaneidade e o avanço das tecnologias informáticas, das redes sociais, o homem moderno inaugurou uma era da comunicação imediata que requer o mínimo para que o contido a ser transmitido chegue ao destinatário sem que este precise decifrar a informação. Com isso, o perigo é que o símbolo litúrgico não fale mais as novas gerações.

Este presente trabalho pretende investigar as dificuldades que a linguagem simbólica na liturgia enfrenta na era da informação direta e imediata, bem como apontar possíveis saídas. Para tal, a estrutura desse texto está desenvolvida em dois tópicos, o primeiro versa sobre a relação entre a liturgia e os símbolos, e o segundo trata de uma análise sobre atual situação da linguagem simbólica na liturgia.

2 A LITURGIA E A LINGUAGEM SIMBÓLICA

Para falarmos desta relação, primeiro é interessante olhar de como a Bíblia trabalha a linguagem simbólica, seu uso é tão vasto pelos escritores sagrados que ela é considerada como o grande livro dos símbolos (Loyola, 1995, p. 574). Dentre os numerosos exemplos nos chama a atenção o 12º capítulo do livro do Êxodo onde se lê as prescrições para um ritual simbólico em memória da Páscoa dos hebreus com a finalidade de celebrarem com grande festividade o Deus de Israel e de se recordarem de como Ele agiu/age na história do seu povo (Ex 12). No Novo Testamento, o próprio Jesus em suas ações, gestos e parábolas, utilizava dos símbolos para falar de sua missão recebida pelo Pai. Eles faziam parte da sua pedagogia para revelar os segredos do Reino que os sábios e cultos não compreendiam, mas sim os pequeninos (Lc 10, 21). Na última ceia, Jesus simboliza sua entrega total ao Pai e aos seus irmãos no partir do Pão e do Vinho, a esse gesto foi unido o mandato de sempre fazer memória. E os apóstolos assim o fizeram,

repetindo aquele gesto do pão e do vinho, e do gesto veio o rito: “O gesto simbólico com o pão e o vinho que Jesus realizou na última ceia virou rito nas comunidades cristãs. Da mesma forma tornaram-se ritos; o batismo, a imposição das mãos e tantos outros” (Buyst, 2001, p. 23). A liturgia cristã nasce permeada de símbolos.

Na patrística, os Padres da Igreja releeram a Sagrada Escritura com um olhar cristológico. Assim, perceberam que todas as histórias, personagens e acontecimentos narrados no livro divino revelavam um Outro, escondido numa linguagem simbólica que apontavam, cada qual ao seu modo, para o mistério pascal de Cristo. Esta releitura ficou conhecida como tipológica.

O Concílio Vaticano II recordou que toda liturgia é um memorial do mistério pascal de Cristo (Concílio Vaticano II, 1963, n.6.61), ou seja, é uma celebração de tudo o que Deus operou na história pelo Cristo para nossa salvação. Mas esse memorial não é uma simples recordação psicológica, é uma memória festiva/celebrativa que presentifica na realidade do hoje a obra redentora:

Não nos serve uma vaga recordação da Última Ceia: nós precisamos estar presentes naquela Ceia, a fim de poder escutar a sua voz, comer do seu Corpo e beber do seu Sangue: nós precisamos dele. Na Eucaristia e em todos os sacramentos, é garantida a nós a possibilidade de nos encontrarmos com o Senhor Jesus e sermos alcançados pelo poder da sua Páscoa (Francisco, 2022, p. 18).

Esta presentificação do memorial na liturgia é mediada pelos símbolos, que traduzem, indicam esse mistério que por uma via unicamente racional não seria possível acessarmos. Como seres também sensíveis, a liturgia dispõe de todos os sentidos humanos para manifestar simbolicamente esta presença e ação redentora e tornar possível uma experiência de encontro: “Possuindo natureza divina e humana, a Igreja precisa de ritos (gestos e palavras) para exprimir as realidades invisíveis (Lira, 2018, p.19). Estas ações simbólico-litúrgicas possuem a capacidade de transcender a temporalidade, permitem recordar o passado celebrando-o no presente e apontando o futuro. Como já dito, o símbolo-litúrgico sempre se refere ao

Cristo e “seu mistério pascal, nossa relação com ele, o Reino, a comunhão com o Pai, por Cristo no Espírito Santo” (Buyst, 2001, p.24). Cada vela acesa, o perfume do incenso e a fumaça do braseiro, os livros, as cores das vestes, as procissões, os gestos e posições, cada canto e rito manifestam e anunciam o Cristo morto e ressuscitado. Talvez o melhor exemplo seja a celebração da Vigília Pascal, com elementos e gestos variados ao longo desta celebração manifesta-se a Páscoa do Senhor: as trevas que recordam a morte, o fogo novo e o Círio sinais do Ressuscitado que ilumina todos os seres humanos, a água sinal de vida nova.

Para que a linguagem simbólico-litúrgica funcione, os fiéis devem ser iniciados, apresentados a eles, pois o símbolo litúrgico é uma linguagem que requer conhecimento, reflexão. Não é uma linguagem dada, mas deve ser decifrada. Esta necessária iniciação ao símbolo litúrgico pode ser averiguada também no relato da Páscoa dos hebreus na pergunta ritual que exige uma resposta, sem pretender esvaziar o mistério do ritual simbólico: “Quando os vossos filhos perguntarem: ‘Que rito é este?’, respondereis: ‘É o sacrifício da Páscoa para lahweh que passou adiante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios, mas livrou as nossas casas’” (A Bíblia [...], 1995, Ex 12, 26-27, p. 122).

3 A CRISE SIMBÓLICO-LITÚRGICA NA CONTEMPORANEIDADE

É preciso, contudo, reconhecer que os símbolos têm perdido a sua função comunicativa, e uma série de fatores pode ser elencada para justificar tal acontecimento. O primeiro, e mais evidente, desses fatores é a virada antropológica da Idade Moderna. Se até a Idade Média a sociedade se centrava em Deus e na experiência religiosa, a Idade Moderna muda este paradigma, ao pôr no centro o homem e a racionalidade. A longo prazo, este processo acarreta no distanciamento do homem da linguagem simbólica, mas não somente dela. Atualmente, “tem se falado de crise na Família, no Estado, na Ética, na Moral, e em tantas outras instituições que seria indispensável enumerar” (Oliveira, 2006, p. 32).

Um segundo fator a ser elencado é o ritmo frenético com que o homem moderno foi se acostumando a viver. Tudo é imediato, tudo é fluído. O homem moderno tornou-se incapaz de parar e contemplar, e, conseqüentemente, fez-se analfabeto para os símbolos. Segundo Guardini, "um símbolo surge todas as vezes em que o interior e o espiritual encontram sua expressão no exterior e no corporal" (Guardini, 1942, p.67 apud Fernandes; Koller, 2020, p. 200). Noutras palavras, o homem só enxerga ou experimenta sensorialmente, a partir do coração, do que ele traz dentro de si. Excluída a dimensão da contemplação, sobrando apenas o racional vivido no imediatismo, o homem perde o real sentido sobre si e sobre o mundo. Ainda segundo Guardini,

a angústia dos tempos modernos deve-se, em grande parte, ao sentimento de não ter um lugar simbólico nem um refúgio de que se esteja imediatamente seguro; e também, a experiência sempre renovada de não encontrar no mundo nenhum lugar para a existência e que satisfaça a sua necessidade (1964, p. 52 apud Fernandes; Koller, 2020, p. 208).

Se a simples oposição entre o homem medieval, imerso no mundo dos símbolos, ante o homem moderno, racional e imediatista já nos ajuda a identificar um panorama da crise, é preciso citar outro fator, fruto desse processo histórico que culminou na pós-modernidade: a secularização. As novas gerações não conhecem a Igreja, não cresceram convivendo com ela, e por isso, seus símbolos não lhe falam nada. Dom Derio Olivero, bispo de Pinerolo na Itália, ilustrou bem esse fator, quando publicou um artigo relatando sobre o dia em que participou de uma ordenação em Turim, e ao passar pela praça da catedral, alguns jovens olhavam com espanto e perguntavam quem seriam aqueles homens com roupas tão estranhas. A pergunta não era um deboche ou qualquer coisa do tipo, mas um espanto de quem não é mais capaz de reconhecer um símbolo da liturgia católica (Olivero, 2023). E assim como aqueles jovens, boa parte da sociedade hoje, simplesmente olha e pergunta o que significa tudo isso, ou ainda de que serve uma missa, de que serve tanta reza, tanta coisa. Os nossos símbolos litúrgicos já não são capazes de lhe falar.

Outro fator a ser elencado é o protestantismo, ou ainda, de forma mais específica, o neopentecostalismo. Se todo o processo histórico já mencionado, em algum momento, pôs em dúvida a capacidade da sobrevivência da experiência religiosa no mundo moderno, podemos constatar, ainda hoje, um fenômeno de explosão e crescimento. E as vertentes do pentecostalismo são as que mais crescem em número de adeptos, ante a queda do número de católicos e de protestantes tradicionais. Quanto a linguagem simbólica, o que se tem visto nessas correntes é a adaptação dos símbolos e arquétipos religiosos, tanto do catolicismo quanto da religiosidade afro, e até mesmo do judaísmo, para adequá-los às necessidades surgidas no mundo moderno, atribuindo, por vezes, outros significados a tais símbolos (Oliveira, 2006, p. 19).

Um último ponto a ser elencado é a deficiência que existe na própria Igreja em relação aos símbolos. De um lado, existe uma deficiência no processo de iniciação cristã, que não consegue introduzir na linguagem simbólica. De outro, a deficiência nos símbolos em si, que sem deixar sua essência, precisam também ser atualizados quando incapazes de falar. Tomemos por exemplo a celebração da Eucaristia. Para celebrá-la, tradicionalmente se usam pão e vinho. Por fatores históricos, chegamos aos dias de hoje usando a hóstia, já conhecida por todos os fiéis. Contudo, alguém que não está acostumado com tal símbolo, dificilmente a associará com um pão, por sua aparência externa, e, muito provavelmente, os próprios fiéis também não fazem essa identificação. Se o que deveria ser pão não se parece com um pão, não há aqui um silenciamento do símbolo, uma vez que ele é incapaz de comunicar aquilo que deveria? Ainda falando sobre o sacramento da Eucaristia, podemos ver o quanto a perda do sentido simbólico é nela manifestado na forma como se cultua nos dias de hoje. A Eucaristia surge também como alimento, na forma material do pão: Cristo deixa seu corpo e sangue para que deles a Igreja se alimente. Com o passar do tempo, surge a adoração eucarística como substituta da comunhão sacramental, e mesmo com o resgate desta, a adoração perdura como uma saudável forma de piedade. Contudo, nos últimos

tempos se tem visto uma mudança radical na forma de cultuar a Eucaristia, baseada em sentimentalismo intimista, e, por vezes, com incorporação de elementos estranhos que disputam atenção com a Eucaristia, como as “arcas da aliança” nos famosos cercos de Jericó. Entres os fiéis, há uma inversão de valores, onde a adoração eucarística ganha mais importância que a comunhão sacramental, parecendo até que se tratam de dois Cristos diferentes, sendo o primeiro o mais poderoso. Deste modo, podemos ver que a crise, além de tudo, é também interna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negar que a crise litúrgico-simbólica dos nossos dias tem levado a uma perda progressiva da função comunicativa dos símbolos e muitas são as causas que levaram a esse fenômeno. As principais consequências desse processo são a fragmentação identitária, a dificuldade em construir consensos e a perda de sentido para a vida, sinal de um tempo em que a humanidade perdeu a capacidade de transcender a si mesma.

Os caminhos para sair dessa crise estão em elementos já citados anteriormente. Se a iniciação cristã for realmente eficiente, conseguirá ser um verdadeiro caminho para formação de indivíduos mais conscientes e críticos, capazes de compreender o significado dos símbolos e de utilizá-los de forma significativa. Ao mesmo tempo, se faz necessário considerar um processo de resignificação, tanto dos símbolos em si, quanto da nossa capacidade em relação a eles. Esse processo se faz necessário a partir da formação litúrgica, que, segundo Guardini, tem por objetivo primeiro fazer com que o homem volte a ser capaz de símbolos (cf. Guardini, 1992 apud Francisco, 2022).

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

BUYST, Ione. *Celebrar com símbolos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

BUYST, Ione. *Símbolos na liturgia*. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

CARDITA, ÂNGELO. Símbolo e diferença: aventuras da relação entre dimensão ontológica e densidade antropológica da liturgia. *Theologica*, v. 39, n. 1, p. 159-183, jan. 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia. [S.l.], Libreria Editrice Vaticana, 1963. 39 p. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_en.html. Acesso em: 04 set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. São Paulo: Paulinas, 2022.

LIRA, Bruno Carneiro. *Princípios Litúrgicos do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2018.

LOYOLA, Sabino Guimarães. *Dicionário Litúrgico*. Fortaleza: Sabino Loyola, 1995.

KOLLER, Felipe Sérgio; FERNANDES, Marcio Luiz. O Simbolismo em Romano Guardini. *Revista de Cultura Teológica*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.96, p. 196-217, maio/ago. 2020.

OLIVEIRA, Paulo César Nunes de. *O Uso dos Símbolos do Catolicismo Popular Tradicional Pela IURD*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

OLIVERO, Dério. Quem são esses com roupas tão estranhas: artigo de Dério Olivero, bispo de Pinerolo, Itália. IHU Unisinos, [S.l.], 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620907-quem-sao-esses-com-roupas-tao-estranhas-artigo-de-derio-olivero-bispo-de-pinerolo-italia>. Acesso em: 9 set. 2024. ZONTA, José Ricardo. *Curso Básico de Formação Teológica*. Petrópolis: Vozes, 2018.